

Uma Reflexão Psicossocial da Linguagem na formação da Subjetividade Humana

Ednaldo Antonio da Silva – FIR – Faculdade Integrada do Recife

Contato: nicoitaenga@yahoo.com.br

Curriculum Lattes no endereço:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4254017A8>

Resumo

O objetivo do presente artigo consiste em refletir sobre as leituras bakhtiniana referem-se à importância da linguagem no funcionamento do psiquismo. Levando em conta os estudos Saussure, Piaget, Vygotski, Skinner, Freud e Lacan. Por outro lado, pretende-se demonstrar também que a concepção de linguagem em Bakhtin tem pontos em comum com a concepção psicanalítica da linguagem apresentada por Freud e, especialmente, com a leitura dela empreendida por Lacan nos primeiros anos de seu ensino e nas concepções cognitivas comportamentais de Skinner. Embora pertençam a diferentes áreas do saber, considera-se que o conceito lacaniano de intersubjetividade apresenta afinidades com a noção bakhtiniana de dialogia, e as concepções bakhtiniana com afinidades cognitivas comportamentais. O modo de constituição do discurso procurando compreender as relações entre linguagem, os conflitos no processo de aprendizagem de língua no cenário sociolingüístico. Este artigo elaborado como prática da Psicologia Social mostrando o tema Uma Análise Literária e Psicossocial da Linguagem na formação da Subjetividade humana, com uma investigação de alguns artigos científicos, livros, páginas online na internet e documentos.

Palavra Chave: linguagem, psicologia social, bakhtiniana

Abstract

The objective of the present article consists of contemplating on the readings bakhtiniana refer to the importance of the language in the operation of the psyche. Taking into account the studies Saussure, Piaget, Vygotski, Skinner, Freud and Lacan. On the other hand, it intends to demonstrate also that the language conception in Bakhtin has points in common with the psychoanalytic conception of the language presented by Freud and, especially, with her reading undertaken by Lacan in the first years of his/her teaching and in the conceptions cognitive comportamental of Skinner. Although they belong to different areas of the knowledge, he/she is considered that the concept intersubjetividade lacaniano presents likenesses with the notion dialogia bakhtiniana, and the conceptions bakhtiniana with likenesses cognitive comportamentais. The way of constitution of the speech trying to understand the relationships among language, the conflicts in the process of language learning in the scenery sociolingüístico. This article elaborated as practice of the Social Psychology showing the theme A Literary Analysis and Psicossocial of the Language in the formation of the human

Subjectivity, with an investigation of some scientific goods, books, pages online in the internet and documents.

Key word: language, social psychology, bakhtiniana

1 Introdução

O que diferencia o homem dos outros animais é a sua capacidade cerebral de simbolizar, de formar linguagens. A linguagem dá uma representação simbólica ao conhecimento da vida cotidiana (CHAUI, 1997).

Para Laraia (2002), o homem é um ser social, cujo comportamento depende de um aprendizado, um processo que chamamos de educulturação, ele é resultado do meio cultural em que foi socializado e herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam.

Este processo de aprendizagem tem na linguagem e na simbologia aliados perfeitos, que transformam o homem num ser dotado de predicados, capaz de inventar, criar, recriar sistemas de representação, objetivar seus pensamentos e sentimentos, compreenderem o mundo a sua volta e viver melhor.

A linguagem é tão velha como a consciência: é a consciência real, prática, que existe também para outros homens, a consciência só surge com a necessidade, às exigências dos contatos com outros homens. Onde existe uma relação Marx & Engels (1991). Através da linguagem, homens e mulheres emanciparam-se da imediatez da realidade prática e passaram a usufruir de uma capacidade exclusiva de sua espécie: a de planejar, regular e refletir sobre a própria atividade. Com ela o homem passa a poder operar mentalmente com objetos ausentes de seu campo perceptivo e vivencial imediato.

Conforme aponta Siqueira e Nuernberg (1998) a linguagem cria e sintetiza concepção de mundo, ela ao mesmo tempo, é produto social e histórico. Constitui-se como elemento e um produto da atividade prática do homem, e em seu aspecto semântico, continuam sendo determinada por fatores sociais, embora goze de relativa autonomia enquanto sistema lingüístico.

Para Bakhtin (1995) ao conceber a língua como um produto sócio - histórica como forma de interação social realizada por meio de enunciações. O conceito da língua como interação social desempenhou um papel importante nos estudos que, hoje, se desenvolvem sobre a interação verbal, como a pragmática, a teoria da enunciação e a análise do discurso que tem como princípio que a linguagem é ação e não um mero instrumento de comunicação.

Bakhtin (1981) chama a atenção para o fato de que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações: “a interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua” como lembra o autor, a enunciação é de natureza social.

O conceito bakhtiniano de língua como interação social reintroduz, nos estudos da linguagem, a reflexão sobre a noção de sujeito. Deixa-se de lado o conceito de língua como um sistema neutro e passa-se a ver a língua como o lugar privilegiado de manifestações enunciativas. Tal proposição apresenta-se claramente na teoria da enunciação de Benveniste.

Considerando essa perspectiva monológica da linguagem assumida pela instituição social, procuraremos aproximá-la das reflexões de Bakhtin (2000),

examinando a crítica que faz à investigação lingüística perpetrada por uma das correntes de estudo da linguagem de maior prestígio do início do século. Ao considerarem a língua como um conjunto de enunciados ou formas imutáveis e monológicas, os objetivistas abstratos desvinculam-nas de seus aspectos histórico-sociais e, portanto, as formas lingüísticas constituem-se para os falantes como simples sinais que designam um objeto ou acontecimento preciso e imutável, sinais que são reconhecidos, identificados, mas não são signos variáveis e flexíveis, constituídos de valor ideológico.

Para Bakhtin (1995), “se a assimilação ideal de uma língua dá-se quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão”, para os falantes de uma língua materna o sinal e o reconhecimento estão dialeticamente apagados, uma vez que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, servindo aos propósitos imediatos da comunicação em uma situação concreta dada. Por outro lado, num aprendizado de língua estrangeira, esta posição é invertida: o reconhecimento manifesta-se até o momento em que haja a compreensão e, portanto, a língua se torne língua.

Nessa perspectiva, considerando a língua como um sistema abstrato, imutável, separando o sujeito da linguagem, anulando-o em suas experiências individuais no processo de aprendizagem, assim como estigmatizando as variedades lingüísticas, a instituições sociais, contraditoriamente (ou uma aparente contradição, visto que atende aos interesses de uma formação social que impõe tal visão ortodoxa), subverte a reflexão proposta por Bakhtin: a língua materna passa a constituir-se como uma língua estrangeira para seus falantes nativos, uma vez que as formas lingüísticas, desarticuladas e descontextualizadas de uma situação comunicativa concreta, são reconhecidas apenas como sinais, não signos, destituídas, portanto de um valor lingüístico.

A linguagem enquanto uma forma, um mecanismo de interação social, e de interação humana, acima de tudo, uma vez que é através da linguagem que nós, humanos/as, nos fazemos entender diuturnamente.

Costumamos fazer uma breve e arriscada distinção, com mera finalidade didática, entre a linguagem verbal (que utiliza o código lingüístico, o verbo, a palavra, que é objeto de estudo da Linguística) e a linguagem não-verbal (que se vale de outros muitos códigos não-verbais, como é o caso dos acenos, das placas de trânsito, dos assobios dos recursos expressivo-faciais...).

Siqueira e Nuernberg (1998) apontam que o homem pode evocar voluntariamente as imagens, objetos, ações, relações independentes de sua presença e, voluntariamente, dirigir este segundo mundo, o qual inclui sua memória e suas ações. Assim pode-se dizer que não apenas a duplicação do mundo nasce da linguagem, mas também a ação voluntária. Sem o trabalho e sem a linguagem, o pensamento abstrato “categorial” não poderia existir no homem.

Para os autores a linguagem é sempre constituída por um sistema de signos de que variam em função do tipo de relação mantida com o objeto representado, e tem como função estrutura códigos, a partir do qual se estabelece à transmissão-recepção (codificação e decodificação da informação). O ser humano tem a capacidade de construir signos. O significado (conceito é o significante) (imagem acústica) que quando arrumados, tornam-se convencionalizado por uma determinada comunidade, seja ela no plano oral ou escrito. E constitui as duas partes do signo.

Nos estudos de Benveniste (1989), o único modo de fazer o discurso funcionar é pela intervenção do sujeito, que ele investe sua subjetividade: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de

utilização”.

Para ele, no ato enunciativo, o sujeito não constitui apenas a si, sujeito locutor, mas também o sujeito-alocutário, isto é, define não só a posição eu, mas também a do tu: “...ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda a enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário”.

O que em geral, caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro. Na realização do seu estudo sobre o aparelho formal da enunciação, ele tomou como os principais pontos de partida os sistemas pronominais e verbais do francês (BENVENISTE, 1995).

Na descrição do sistema pronominal, o autor distingue os pronomes da pessoa (1ª e 2ª) dos pronomes da não-pessoa (3ª). Os primeiros designam os interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (eu, tu, você; nós, vós, vocês); os últimos designam os referentes (seres do mundo extralingüístico de que se fala) e, assim, não devem ser colocados na mesma classe dos primeiros.

Quanto ao sistema verbal, Benveniste diz que existem dois planos de enunciação: o discurso e a história, cada um com os seus tempos característicos. Na história, tem-se o relato de eventos passados, sem o envolvimento do locutor, como se os fatos narrassem a si mesmos.

A língua é um fenômeno social, é um código constituído de signos convencionados composto de um significante e um significado. A língua tem ser instituída para todos. O lingüista Ferdinand Saussure (2004) mostrou que a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, sozinho, não é capaz nem de criá-la nem modificá-la. A língua é constituída de sons, que são fonemas, estes sons foram selecionados historicamente ao longo dos séculos.

O mito de que num país monolíngüe como o Brasil traz a vantagem de não propiciar barreiras na comunicação entre os falantes Bortoni (1984) acentua, veladamente, um processo de apagamento de classes sociais desfavorecidas, através da imposição de uma forma de linguagem que as distancia cada vez mais da própria língua materna.

Ideologicamente constituída como porta-voz das instituições sociais e, portanto, representante das aspirações de uma classe dominante, a instituição escolar constitui um espelho de projetos educacionais e práticas de linguagem legitimadas por esta classe. Nessa perspectiva, em seu interior, constroem-se mecanismos de controle que discriminam e impedem que os falantes de variedade(s) lingüísticas desprestigiadas e estigmatizadas reelaborem e projetem sua maneira de ver o mundo, de construir seu universo discursivo diante de sua realidade social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através de enunciação ou das enunciações. A língua verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua (RODRIGUES, 1996).

Para Saussure (2004), todo processo comunicativo tem uma condição necessária que haja o domínio da mesma língua e a partilhação de um contexto, a língua é necessária, mas não é suficiente. O fato de não dominar a língua, quebra a possibilidade de haver interação comunicativa, (competência + desempenho = língua), (competência + desempenho + contexto = discurso).

Nos em seus estudos o autor fala que o discurso consiste na informação interpretada pelo uso da língua seguindo um contexto de uso o qual pode ser ideológico, cultural, social, subjetivo, cognitivo e situacional.

Através do discurso o homem aprende a ver o mundo e os reproduz em sua fala. Se o discurso é determinado, ao menos em parte, por formações ideológicas, se a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados e se não há homens constituídos fora de seus contextos de relações sociais, pode-se dizer que não há individualidade absoluta nem em nível do sujeito, nem em nível do discurso (BERGER, 1987).

Segundo Saussure (2004), o conjunto de discurso interiorizado pelo sujeito ao longo de sua trajetória, por um progressivo distanciamento da origem das vozes alheias, as quais se tornam próprias do sujeito forma a consciência.

O enunciador, o falante, ao construir seu discurso, materializa valores, desejos, justificativas, contradições, enfim, os conteúdos e embates existentes em sua formação social. Reproduz de certa maneira em seu discurso, portanto, as várias formações discursivas que circundam na estrutura social (LURIA, 1986).

Diante do visto acima, vimos que estes termos formam a comunicação. E a comunicação consiste num processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meios de métodos ou sistemas convencionados, são diversas as formas de se comunicar, a forma mais básica é a face-a-face. A comunicação é essência para o ser humano, é a única maneira de objetivar o conhecimento e é instrumento de interação social (WATZLAWISCK, 1967).

Nesta situação o indivíduo é apreendido pelo outro, um é planejamento real para o outro, convivendo no mesmo local e no mesmo momento na história, podendo assim observar as reações dos outros em relação as suas atitudes Saussure (2004). E para o autor o processo comunicativo apresenta em geral os seguintes constituintes: emissor, transmissor, ou locutor é aquele que informa (codifica) algo a alguém, que transmite a mensagem: 1) Receptor ou interlocutor - É aquele com quem o emissor se comunica, portanto, que recebe e codifica a mensagem; 2) Mensagem - conteúdo (informações) transmitido pelo emissor para o receptor; 3) Códigos (e subcódigos) - conjunto de símbolos convencionados socialmente ou determinado por um determinado grupo social, que permite ao receptor compreender a mensagem; 4) Canal - o meio físico que conduz a mensagem do emissor para o receptor; E 5) Ruído - fatores físicos (barulhos), fisiológicos (fadiga) ou psicológicos (estudo emocional e motivacional) - que interferem na recepção e compreensão da mensagem.

Saussure (2004) fala que o processo de comunicação é dado de duas maneiras: uma visão linear e uma visão transacional. No modelo de comunicação linear, a comunicação é como aplicar uma injeção: Um emissor codifica idéias e seguimentos em algumas espécies de mensagem e depois envia através de um canal (fala escrita e assim por diante); E o modelo de comunicação transacional há uma troca verbal de construção de sentido, envolvendo participantes que ocupam ambientes diferentes, mas superpostos e criando relacionamentos através do intercâmbio de mensagens, muitos dos quais são afetados por ruídos externos, fisiológicos e psicológicos.

Compreendendo o autor, todo enunciado é um “diálogo”, mesmo tratando-se de um sujeito individual, posto que todo enunciado pressuponha aqueles que o antecederam e todos que o sucederão. Desta forma, toda enunciação só pode ser compreendida na relação com outras enunciações.

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma replica. A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma replica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra de locutor a uma contra palavra (LURIA, 1986).

As palavras através da enunciação é o “território comum do locutor e do interlocutor”, digo, a palavra liga uma pessoa à outra e, por conseguinte, constitui o elo de toda a coletividade (WERTSCH, 1994).

Na verdade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (GUARESCHI, 1999).

O que se leva para o processo psicoterapêutico é o relato, a análise é feita encima do discurso do indivíduo. Indivíduo quando fala esta colocando para fora todos os seus sintomas e é pela palavra que haverá o desdobramento de significados. O inconsciente se manifesta muitas vezes de maneiras involuntária (o relato do ato falho); o sintoma é plástico e se molda.

2. Delineamentos Metodológicos

Foram utilizados os sites acrescidos dos serviços da Biblioteca da Faculdade Integrada do Recife. As bases de dados consultadas foram: Scielo, biblioteca.universia.net, Centro Científico Conhecer – Enciclopédia Biosfera. Deixar as siglas na web foram encontradas referências sobre psicologia social, linguagem e ideologia. As palavras-chave usadas isoladas e/ ou em cruzamentos foram: linguagem, psicologia social e bakhtiniana. Procedeu-se a uma análise das informações do relatório à luz da literatura disponível sobre o assunto de modo a permitir a verificação de convergências, divergências e possíveis lacunas no conhecimento acumulado.

3 Resultados

Através de um relato de uma pessoa onde aparece o erro ou engano, pode ser de fato o verdadeiro sentido da pessoa, no caso de formação inconsciente. Muitas vezes o inconsciente articula no ou com o outro do desejo pessoal. O desejo se desfaz através do sintoma.

Para a psicanálise o significante está separado do significado pelo recalque, ou seja, para entender o discurso da pessoa entra entrar em outra dimensão. Não é o que acontece na cognitiva comportamental onde o significado e o significante são levados em consideração numa visão social compartilhada, convencionalizada.

Para se entender uma língua é necessário compreender seus elementos e a relação entre eles existentes enquanto um sistema não precisamos conhecer sua história (e a crônica), ao nos inserirmos na comunidade compreender seus signos é compreender a relação de oposição, diferenciação entre eles, (sincrônica).

Em seu livro Quando Dizer é Fazer, Austin (1990) distingue, com precisão, três atividades complementares na enunciação. Proferir um enunciado é ao mesmo tempo: - realizar um ato locutório, produzir uma série de sons dotada de um sentido numa língua; - realizar um ato ilocutório, produzir um enunciado ao qual se vincula convencionalmente através do próprio dizer uma força; - realizar uma ação perlocutória, isto é, provocar efeitos por intermédio da palavra (por exemplo, pode-se fazer uma pergunta – ato ilocutório – para interromper alguém, para embarçá-lo, para mostrar que se está ali, etc.). O campo do perlocutório sai do contexto propriamente lingüístico.

Na psicanálise o signo tem uma aparência aleatória, o sujeito pode até pegar o significante da língua, mas ao signo ele vai dar o significado individual, e conscientemente ele tem um significado, um desejo, e conscientemente motivado,

para psicanálise o que está amarrado e separa e assim podemos dar um novo significado, quando uma pessoa fala por metáforas e metonímias muitas vezes esta disfarçando um desejo, não só dos sonhos como lapsos e delírios como exemplo no esquizofrênico há um desenfrear de significantes.

Para psicanálise todo discurso é proveniente do inconsciente; para Freud a estrutura edípica está presente em todas as instâncias do indivíduo, o significado do sonho é extremamente individual e um possível objeto também faz com que o indivíduo estabeleça um novo significante sem saber o que está fazendo, então para psicanálise o signo é mutável, motivado, arbitrário, o desejo não explícito, nem elaborado.

Segundo Suaussure (2004), signo é sintoma, indício sinal manifesto a partir de qualquer coisa latente... Imperfeições físicas, pequenas marcas, alguns pequenos defeitos, cicatrizes, etc., pelos quais seja mais fácil o reconhecimento de uma pessoa. Saussure apresenta signo como gesto, ato ou qualquer coisa semelhante que manifesta certo modo de ser ou fazer e similar.

Gesto com o qual se querem comunicar ou exprimir alguma coisa, como uma ordem, um desejo ou outra coisa do gênero. Sinal, elemento distintivo impresso em alguém ou em alguma coisa para o poder reconhecer, marca. Linha, figura ou coisa semelhante, que se traça para marcar o ponto a que se chegou. Qualquer expressão gráfica, ponto, linha, reta, curva, convenientemente assumida como representando um objeto abstrato. Qualquer processo visual que reproduza objetos concretos, como o desenho de um animal para comunicar o objeto ou o conceito correspondente. Pode ser também em lingüística, processo pelo qual um conceito (ou objeto) é representado por uma imagem acústica (como as palavras).

Às vezes, qualquer componente menor do processo precedente. Cada umas das partes de um processo visual que remete para um emissão fônica, um conceito, um objeto (ou grafemas), os símbolos gráficos subsidiários (signos diacríticos), os signos da notação musical, alfabeto Morse, Braille. Símbolo, entidade figurativa ou objetual que representa, por convenção ou por causa das suas características formais, um valor, um acontecimento, uma meta, como a cruz, a foice e o martelo.

De qualquer forma o signo não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito e uma e uma imagem acústica. O signo segue dois eixos o paradigmático que é a sintaxe, ou seja, a regra da linguagem possibilidade de substituição, e o eixo sintagmático que é a determinação de seus elementos constituintes.

Fazendo uma abordagem em relação à visão humanista – comportamental e a psicanálise os principais pontos de divergência se dão no momento em que o humanismo engloba o consciente e o pré-consciente (Rogrs trabalha no sentido de integrar a consciência), o discurso é coletivo apoiado na função referencial, dando ênfase ao conhecimento, o discurso para descrever o mundo.

A psicanálise engloba o estudo do insciente, para Lacan o ser do homem, está puramente naquilo que ele não pensa (inconsciente). O discurso se dá no âmbito privado apoiado na função poética da linguagem o homem é um ser inconsciente que busca realizar seus desejos e fantasias e isso acontecem através de um sintoma, sonho, lapso, esquecimento.

A partir dessa perspectiva, concordamos inteiramente com Maher (1998) quando diz que “é principalmente no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades”.

Partindo das teorias biológicas evolucionistas, concebeu o indivíduo como sendo regido pó um “sistema evolutivo auto-regulador”, permitindo-lhe funcionar como certos patamares cognitivos (estruturas) construídos da própria ação do sujeito sobre o meio. Desta forma, a coordenação das ações pelo sujeito se constitui no

fator básico de evolução cognitiva, sendo as propriedades do meio consideradas apenas como cenário, onde tais ações se desenvolvem. Diante disto, a gênese do conhecimento está pautado no aparato biológico que o indivíduo dispõe ao nascer, onde os seus reflexos, nas interações com o meio, transforma-se em esquemas de ações – componentes centrais da estruturação cognitiva. Diante disto, pode-se inferir um importante pressuposto piagetiano: a cognição se origina da ação.

O modelo teórico de estrutura que Piaget adotou vai de encontro a uma visão de “totalidade rígida”, priorizando o poder intrínseco de auto-regulação, que possibilita constantes ajustes e reajustes, a partir de novas condições maturacionais do organismo e de diferentes estímulos provenientes do meio ambiente, gerando novos princípios de funcionamento mental que superam os precedentes. Contudo, rejeitando a idéia de um equilíbrio completo, uma estrutura lógica sempre se torna estruturante em relação a posterior que vai gerar e estruturar em relação a anterior da qual se originou.

A construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, ela é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares. Moita (1998), a necessidade de mudança para um “novo” modo de falar faz com que incorpore uma nova identidade social diante da nova realidade social, mecanismo que lhe dê condições de visibilidade e voz no novo universo social em que está inserido.

Morato (1996) acentua a importância das contribuições Vygotskianas para as discussões atuais sobre a linguagem e o processo cognitivo. As idéias de Vygotski nos indicam que a interação social e o processo educacional são o motor da transformação da cognição humana.

Vygotski (1991) trabalhou a questão da linguagem como fator primordial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, a linguagem como um fenômeno histórico-social. Para ele, o uso da linguagem constitui-se na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores da criança.

De acordo com os estudos dele a interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados se dá por meio da linguagem, primeiro num nível social depois individual. Na sua teoria, a linguagem recebe lugar de destaque, como elemento de mediação e como prática social caracteriza-se como o sistema simbólico de todos os grupos sociais.

Vygotski critica as principais correntes da psicologia contemporânea enfatizando que estas possuem uma tendência histórica ao estudar o pensamento e a linguagem, não fazendo nenhuma referência ao seu processo de desenvolvimento. Para ele, nenhuma dessas correntes psicológicas fornecia bases firmes para o estabelecimento de uma teoria unificada dos processos psicológicos superiores.

Ressaltando a inadequação dos enfoques metodológicos e teóricos adotados pela psicologia dessa época, construiu uma psicologia de base marxista, uma vez que as abordagens tradicionais fragmentavam a realidade, não apresentando condições de explicarem a totalidade da realidade humana. Rejeita as posições objetivista e a subjetivista, propondo uma psicologia dialética ao defender uma abordagem mais globalizante das relações humanas e não apenas teorias e modelos formais de fragmentos de coisas.

Veer & Valsiner (1999) enfatizam o florescimento das idéias de Vygotski nos dias atuais estão se tornando muito conhecidas no mundo científico – um processo que ainda não foi compreendido inteiramente. Cabe ressaltar que são muito recentes as discussões sobre os postulados de Vygotski no Brasil, e apenas há pouco tempo vêm surgindo as primeiras interpretações sobre a obra deste

estudioso, na direção da superação de suas limitações, assim como o reconhecimento de suas contribuições. A concepção Vygotskiana considera o ser humano como essencialmente social e histórico, os quais nas relações com os outros homens, em uma atividade concreta intermediada pela linguagem, se constituem enquanto sujeitos concretos e reais.

A língua, em seu uso prático, está vinculada ao seu conteúdo ideológico, sendo assim, seus signos são variáveis e flexíveis, apresentando um caráter mutável, histórico e polissêmico.

Por conceber o homem como um ser histórico e social, compreende a linguagem sob a perspectiva da situação concreta, considerando a enunciação e o contexto. É no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade. O significado é construído no discurso e essa construção envolve os participantes, a situação imediata ou o contexto mais amplo.

Bakhtin defende uma abordagem histórica e viva da língua, de forma que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. Ou seja, o enunciado é de natureza social e a prática viva da língua se dá por meio da comunicação verbal concreta.

Entretanto, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; em outras palavras, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1981).

Na concepção de Bakhtin, a realidade concreta e dinâmica da língua não permite que os falantes se interajam com a linguagem como se esta fosse um sistema abstrato de norma. A língua está em constante evolução por meio das interações verbais dos interlocutores.

Bakhtin, ao considerar a linguagem como o fazer verbal das pessoas, aproxima-se da psicologia, na medida em que trata de um objeto de estudo tradicionalmente de domínio dessa disciplina: o fazer das pessoas, sua ação ou, como diria Skinner, seu comportamento.

Por outro lado, ao abordar o fazer verbal das pessoas, Skinner se apropria de um objeto de estudo tradicionalmente de domínio das ciências da linguagem.

Segundo Pereira (2007) o objeto de estudo Skinner e Bakhtin é a linguagem praticada, a ação lingüística dos sujeitos, em oposição ao sistema formal da língua. Como também a concepção de linguagem como socialmente determinada – tanto na forma como no conteúdo – e não como produto do psiquismo individual do sujeito.

A autora ainda cita que tanto para Bakhtin como para Skinner, a linguagem individual – que, no entanto, é social –, e não a língua é o objeto de estudo. E que Bakhtin se refere a seu objeto de estudo como interação verbal e Skinner, como comportamento verbal, que é, tanto quanto para Bakhtin, interação, de acordo com a definição de Skinner. É interação com o ambiente como um todo, e, sobretudo, com o ouvinte, como a parte mais importante do ambiente.

Par ela Bakhtin, ao se referir à ação verbal do sujeito, enfatiza a interação com o ouvinte, mas considera também outros aspectos do ambiente que influenciam (interagem com) a ação verbal. Skinner salienta, conforme mencionado, o comportamento verbal como objeto de estudo, um comportamento como qualquer outro, com a singularidade de interferir sobre o meio físico apenas pela mediação de outro indivíduo; é o comportamento que é mantido pelos efeitos sobre o ouvinte, que foi condicionado a reforçar o comportamento do falante com base em uma história

de reforçamento na mesma comunidade verbal – entre pessoas cujo comportamento verbal foi instalado por contingências semelhantes, pessoas que respondem de certa maneira por causa das práticas do grupo social ao qual pertencem.

E Bakhtin destaca como objeto de estudo a interação verbal, que se realiza por meio dos enunciados dos sujeitos que geram uma resposta dos ouvintes, seja na forma de uma ação concreta sobre o meio, seja na de uma “compreensão responsiva ativa”. A interação verbal é possível apenas entre indivíduos socialmente organizados, entre indivíduos que pertencem à mesma comunidade lingüística, isto é, que têm uma história comum de prática da língua.

A leitura bakhtiniana sobre o freudismo negligencia aspectos fundamentais da elaboração teórico-clínica de Freud. Tais aspectos referem-se à importância da linguagem no funcionamento do psiquismo e foram apontados por Freud e desenvolvidos por Lacan. Por outro lado, pretende-se demonstrar também que a concepção de linguagem em Bakhtin tem pontos em comum com a concepção psicanalítica da linguagem apresentada por Freud e, especialmente, com a leitura dela empreendida por Lacan nos primeiros anos de seu ensino. Embora pertençam a diferentes áreas do saber, considera-se que o conceito lacaniano de intersubjetividade apresenta afinidades com a noção bakhtiniana de dialogia.

Para Bakhtin, o freudismo considerava a consciência como o lugar do engano e via o homem como determinado pelas pulsões sexuais, um determinismo entendido como estritamente biológico. Com isso, a psicanálise esvaziava o sentido histórico e social dos atos humanos e se colocava ao lado da ideologia dominante, que visava encobrir os aspectos sócios- históricos a fim de manter os homens resignados a um destino natural e, portanto, imutável.

Para Bakhtin, que preconiza a análise sociológica da linguagem e da cultura, a intersubjetividade precede a subjetividade. Ele considera que os fenômenos abordados pela psicanálise através da perspectiva de uma luta entre o consciente e o inconsciente deveriam ser compreendidos como resultantes de “inter-relações e conflitos complexos entre as respostas verbalizadas e não-verbalizadas do homem” (BAKHTIN, 2004).

O autor propõe que o inconsciente seja abordado pelo viés da linguagem, através do qual os aspectos sociais do psíquico brotam. Bakhtin pondera que as raízes do inconsciente descoberto na sessão psicanalítica são, com efeito, reações verbais. Tudo que toca o fundamental do conteúdo inconsciente passa, necessariamente, pelo discurso do sujeito e, assim, depende de fatores ligados à sociedade objetiva (SOUZA, 2006).

Saussure (2004) se interessa apenas pela língua, por considerá-la o único objeto apto a constituir uma ciência da linguagem. O caráter social da língua é ressaltado. A língua existe na coletividade sob a forma de sinais que são impressos nos indivíduos “tal como um dicionário cujos exemplares todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”.

Para ele a língua, portanto, não comporta nada de singular, representa apenas um padrão coletivo que é recebido pelos indivíduos de forma passiva, como “algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários”.

Dessa forma, ao valorizar o caráter social da língua, Saussure (2004) a destitui de qualquer possibilidade de singularidade. Já à fala, que é singular e individual, Ele não confere o caráter social. Bakhtin, ao contrário, insiste no aspecto social do enunciado, sem destituí-lo de sua singularidade. Cada contexto social do qual o enunciado brota é ele mesmo único e singular, e as relações dialógicas entre os enunciados são sempre únicas.

A estreita relação entre o inconsciente e a linguagem é enfatizada por Lacan ao abordar o sintoma. Nas palavras do autor: “o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” Lacan (1998). Uma vez que o sintoma é compreendido como produto do recalque, afigurando-se como um retorno do recalçado, e dado que o recalque é entendido como a separação entre significado e significante, a “cura” do sintoma se realiza quando o significado recalçado é recuperado pelo sujeito.

Contudo, é ao retomar a análise dos chistes empreendida por Freud que Lacan se mostra mais enfático ao assinalar a correspondência entre inconsciente e linguagem. Assinalaremos alguns aspectos em comum nas concepções de linguagem em Bakhtin e em Lacan. Para ambos a linguagem constitui o sujeito e lhe é anterior. Apesar disso, as imposições da linguagem podem ser sempre subvertidas no ato de fala do sujeito.

Para Lacan (1998), a linguagem preexiste ao sujeito e o constitui. A função do outro é, neste ponto, essencial, porque, dentre as diversas definições que a noção de outro recebeu ao longo de seu ensino, uma foi a de um tesouro de significantes, que evoca a expressão de Saussure (2004) “tesouro da língua”. Mas tal função vai mais além da de um mero código, pois, como pudemos observar, esse acervo coletivo pode ser subvertido pelo ato do sujeito, movido por seu desejo e por suas forças pulsionais.

Para Bakhtin, também toda palavra vem do outro. Apesar da influência da lingüística estrutural sobre Lacan, a sua concepção da análise como uma prática dialógica em um campo intersubjetivo o distingue de Saussure. Enquanto o objeto de interesse do lingüista era a língua, a ênfase de Lacan é na fala, e esta é situada por Lacan simultaneamente como singular e social, enquanto o lingüista a definia como individual. Assim, Lacan não incorre no que Bakhtin considerou como vimos o equívoco de Saussure.

Segundo Lacan, quando alguém nasce, encontra no Outro - que define como o campo da linguagem - um lugar onde inicia suas primeiras significações. Importa não somente o “um outro” propriamente - mesmo que possa vir a ser - senão de um campo simbólico onde o sujeito, por ser, recebe seus primeiros significantes: nome, traços, sexualização, etc. Desta forma, o humano constitui-se a partir de um Outro. O seu “Eu”, enquanto uma imagem do corpo se estabelece a partir de uma relação com a imagem e os significantes (fala e o desejo) do Outro.

O Eu não é inato; ele se constitui numa relação de espelho com o que o Outro espera que a criança seja. A partir daí, a criança se identifica com o objeto do desejo do Outro (falo). As falas do indivíduo exprimem vários significantes, mas estes acabam por não atingir nenhum significado, na medida em que a estrutura (o eu) é inatingível. Logo, sua individualidade é determinada por uma forma vazia e, para Lacan, impossível de se conhecer. Portanto, o significante remete a outros significantes.

Para Lacan, existem três categorias que podem ser consideradas onipresentes no homem e mutuamente constitutivas: o real, o simbólico e o imaginário. Exatamente nesta ordem, por Lacan basear-se pela primazia do real, é entendido como impossível de ser simbolizado.

Há uma procura constante pelo aperfeiçoamento da linguagem, por sua compreensão e depuração. Saber sobre linguagem significa saber de si e também estar conectado com o imaginário, com o que se desconhece de si e da vida. A linguagem é, para aquele que sabe decifrar suas imagens, um maravilhoso espelho

das profundezas do inconsciente afirma (DAMOURETTE e PICHON apud KAUFMANN, 1996)

Sigmund Freud usava a cura pela palavra, segundo nomeou uma de suas pacientes, para designar o papel da linguagem no processo analítico. Ocorre pela fala a transformação psíquica, que é via de elaboração de conflitos e do desvelar-se do sujeito frente a si mesmo e através do outro. A linguagem, neste processo, recupera sua dimensão estruturante, possibilitando ao sujeito a recriação de si.

A linguagem, na clínica, é o principal instrumento de diagnóstico e intervenção, podendo se constituir de diferentes maneiras: através da fala, do psicodrama (expressão e leitura corporal), da entrevista, da música, das terapias plásticas expressivas (desenho, pintura, modelagem, colagem, montagem, fotografia...), do lúdico (jogos de tabuleiro, Softwares gráficos e educativos, brincadeiras tradicionais ou inventadas...), dos relaxamentos, dentre outras práticas criativas que devem ser utilizadas como recurso terapêutico.

Vale salientar que estes instrumentos podem intervir, pontualmente, nas problemáticas do sujeito, pois apresentam uma gama de possibilidades sensíveis, as quais se referem a uma prática que pensa e ressignifica a sua aprendizagem.

Linguística tem relações estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhes fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. A Linguística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento; a Linguística fornece à Psicologia social tão preciosos dados.

Assim, evidencia-se a responsabilidade do profissional em conhecer profundamente, as técnicas empregadas na sua diversidade. Estudar os mecanismos psíquicos, desencadeados em cada ação, e também desenvolver a capacidade de relacionar os resultados numa análise que contemple as diferentes áreas do conhecimento humano, centrando sempre seu foco no aprender a conhecer a linguagem.

4 Considerações Finais

Como se deve ter notado foi feito uma confrontação dos principais estudos sobre linguagem afim de que fosse exposta uma compreensão aprofundada das formas de ser falar sobre linguagem. Contudo não pode ser ignorado, nem tampouco menosprezado em função de outro as opiniões sobre este tema tão difícil de falar em dias em que faz necessária uma aventura sobre as possibilidades existentes. Falou-se uma pequena parte deste tema tão amplo e complexo em sua evolução.

Desse modo, o falante aqui não é considerado o terminal de execução do sistema sociolinguístico nem da gramática inata. O falante e sua fala são sínteses particulares de múltiplas determinações. A linguagem é social e aprender a falar não é simplesmente aprender a usar uma técnica combinatória.

Aprender sobre a linguagem é construir, interagindo com os outros, um espaço de significação do ser, de suas práticas cotidianas (políticas, econômicas, ideológicas etc.). Ao se organizar socialmente, esse espaço se intersecciona com o espaço dos outros e de acordo com as práticas e ideologias que se interrelacionam na formação social. E, ao mesmo tempo em que esse espaço é trabalhado em cotejo com espaços já-construídos, ele mesmo se constitui como espaço já-construído com o qual se confrontarão discursos futuros, constituindo-se, portanto como intrinsecamente histórico.

Assim compreende-se que a linguagem funda e estrutura o território do humano, tornando-se indissociável do processo de humanização. Anterior a cada homem, ela constrói o existir humano e faz desse existir efeito daquilo que, antecedendo-lhe, o constitui em sua historicidade.

Ela Associada à noção de cultura se vincula também à noção de lei e de interdição, constituindo-se em um dos principais termos na formação da subjetividade humana. Por sua vez, a linguagem apoiada na microeletrônica, introduz nas culturas componentes não-humanos, cujos efeitos exigem que se considerem as diferentes cognições e as várias afecções como elementos remodeladores do espaço existencial do homem.

Este trabalho vem romper com antigos paradigmas no processo de mundialização, ancorado na linguagem, produzindo novos agenciamentos que redesenham as relações entre cultura, homem e linguagem. Foi possível compreender como sistema lingüístico, a linguagem, qualquer que seja ela, também vive nas bordas do velado e do revelado. Como meio de comunicação, antes de ser princípio, a linguagem resulta do jogo de figuras que emana de cada lugar, e os lugares que contêm cada figura-posição são ao mesmo tempo o lugar, a posição e o posicionado.

Assim, não é, pois, a linguagem que “fala” o logos, mas o logos que fala a linguagem. Ou, ainda, não sendo o homem que fala a linguagem (logos), mas a linguagem que fala o homem, o vocábulo logos revela-nos a impossibilidade de saber qualquer coisa que nos remeta à origem da linguagem, ainda que, uma vez lançado ao mundo, fique o homem nela imerso.

Se a linguagem, principalmente como sistema lingüístico, é propriedade somente do humano, o acontecer que a engendra traz as marcas do natural. Éthos e logos, definindo o lugar e a posição a partir dos quais o homem realiza a travessia que o conforma no humano, possuem uma dimensão ontológica.

O homem, cultura e linguagem tramam o existir humano, fazendo desse existir efeito daquilo que, embora lhe antecedendo, o constitui em sua historicidade. Assim, com um princípio que se pauta na crença de que a subjetividade ocorre como um processo consciente de um indivíduo.

Com esse enunciado este mostra a linguagem e a subjetividade na extensão da singularidade do sujeito e nos efeitos decorrentes dos elementos estruturantes da cultura. Neste sentido, linguagem e subjetividade é a expressão de que há em cada sujeito uma singularidade que o faz único, ao mesmo tempo em que revela a impossibilidade de se divorciar essa linguagem e da subjetividade do universo da cultura. Juntamos nossas vozes às de todos aqueles que reivindicam que o processo de comunicação no país seja construído com ampla discussão social e com participação de todas as visões presentes na sociedade.

5 Referencias

AUSTIN, J. L.; **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKTHIN, M.; **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

_____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BENVENISTE, E.; **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Campinas : Pontes-
Editora da Unicamp. 1995.

BERGER, P. & LUCKMANN, T.; **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis:
Vozes, 1987.

BORTONI-RICARDO, S.M.; **Problemas de comunicação interdialetoal**. Tempo
Brasileiro,1984.

CHAUÍ, Marilena.; **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

ENGELS, F.; **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em
homem**. In: _____. A dialética da natureza (1876). Versão para eBook
disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/macaco.html>. Último acesso em:
10/08/2009.

GUARESCHI, Neuza. M. F.; **Políticas de Identidade: uma breve concepção**.
Educação nº 39, 1999.

KAUFMANN, Pierre.; **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O Legado de
Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques; **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LARAIA, Roque de Barros;. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro:
Jorge Zahar, 2002.

LURIA, A. R.; **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto
Alegre: Artes médicas, 1986.

MAHER, T.M.; **Sendo índio em português**. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e
identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado
de Letras, 1998.

MOITA Lopes, L. P.; **Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a
construção da diferença**.In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade:
elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras,
1998.

MORATO, E. M.; **Linguagem e cognição. As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a
ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus, 1996.

PEREIRA, M. E. M.; **Uma aproximação entre Skinner e Bakhtin para o estudo da
linguagem**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Belo
Horizonte-MG: Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva Vol. IX, nº
2, 337-347, 2007.

ENCICLOPÉDIA BIOSFERA - Suplemento Especial, Goiânia, vol.5, n.8, 2009

RODRIGUES, A. D.; **O discurso mediático**. Lisboa: Mimeo, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de;. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SIQUEIRA, M. J. T. e NUERNBERG, A. H.; **Língua**. In: JACQUES, Maria da Graça C. et al. *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

SOUZA, S. J.; **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim**. São Paulo: Papyrus, 2006.

VEER, R.V.D.; VALSINER, J.; **Vygotsky uma síntese**. São Paul: Loyola, 1999.

VIGOTSKI, L.S.; **A formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WATZALAWICK, P.; **Pragmática da Comunicação Humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1967.

WERTSCH, J. V. & SMOLKA, A. L. B.; **Continuando o diálogo**. In: DANIES, H. *Vygotsky em foco: Pressupostos e Desdobramentos*. Campinas: Papyrus, 1994.